

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.33.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.37.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.51.

<sup>22</sup> José-Augusto França, in catálogo da exposição: *Fernando Azevedo*, Vila Nova de Cerveira: Museu da Bienal de Cerveira, 7 Junho a 5 Julho 2003; Pontevedra: Museu de Pontevedra, 21 Novembro a 21 Dezembro 2003; Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 10 Janeiro a 14 Fevereiro 2004.

<sup>23</sup> José-Augusto França, «Fernando de Azevedo, crítico», in *Fernando de Azevedo - ensaio e crítica*, Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, Atgena, 2013. P.18.

<sup>24</sup> Cf. Francisco Calvo Serraller, “Orígenes y desarrollo de un género: la crítica de arte”; “El Salón”, in *Historia de las ideas estéticas y de las teorías artísticas contemporáneas, volumen I* (ed. Valeriano Bozal), Madrid: Visor 1996, pp.148-178.

<sup>25</sup> Cf. Patrícia Esquível, *Teoria e Crítica da Arte em Portugal (1921-1940)*, Lisboa: Edições Colibri, IHA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa, 2007 [edição de tese de mestrado de 1996]. Ou ainda: Fernando Paulo Rosa Dias, *Ecoss Expressionistas na Pintura Portuguesa (1910-1940)*, (2 volumes), Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Novembro 1997, pp.123-137.

<sup>26</sup> Para estudo, cf. Fernando Rosa Dias, *Op.cit.*, pp.163-169.

<sup>27</sup> João Gaspar Simões. «Introdução à Pintura Abstracta», in *Diário de Lisboa*, 17 Janeiro 1936. Para estudo desta questão, cf.

Patrícia Esquível, *Op.cit.*, pp.106-113.

<sup>28</sup> Como teórico literário e poeta, publicou em diversas revistas e folhas literárias, sendo uma figura marcante nas páginas da *Presença*, estendendo-se a periódicos como *Ocidente*, *Atlântico*, *Revista de Portugal*, *Momento*, *Aventura*, *Vamos Ler* e a revista *Litoral* que foi dirigida pelo próprio. De modo mais esporádico colaborou nas revistas *Contemporânea* (1915-1926), *Ilustração* (1926-) e *Sudoeste* (1935) e na revista de poesia *Altura* (1945). Esteve ligado a aristocracia, casando com sobrinha materna do 1.º Visconde de Idanha e sobrinha-neta do 1.º Visconde de Vila-Boim, de quem teve cinco filhos.

<sup>29</sup> Carlos Queiroz, «Da Arte Moderna em Portugal», in *Variante*, Lisboa, nº1, Primavera 1943, pp.21-23.

<sup>30</sup> Carlos Queiroz, «Ilustradores Modernos Portugueses - A propósito de uma Exposição», *Atlântico - Revista Luso-Brasileira*, Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda; Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, nº2, 1942, pp.336-343.

<sup>31</sup> Para biografia de Fernando Guedes, cf. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol.V*, Lisboa, 1998, in: <http://www.iplb.pt/pls/dipltb> [endereço da *Direcção Geral dos Livros e das Bibliotecas*] [consulta: Novembro 2007].

<sup>32</sup> Cf. Fernando Guedes, *Pintura, Pintores, Etc.*, Lisboa: Edições Panorama, 1962.

<sup>33</sup> Cf. Fernando Guedes, *Estudos sobre artes plásticas. Os anos 40 em Portugal e outros estudos*, Lisboa: Imprensa Nacional, Casa

da Moeda, 1985.

<sup>34</sup> Para biografia de Alfredo Margarido, cf. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol.V*, Lisboa, 1998, in: <http://www.iplb.pt/pls/dipltb> [endereço da *Direcção Geral dos Livros e das Bibliotecas*] [consulta: Novembro 2007].

<sup>35</sup> Cf. “Os nossos críticos de artes plásticas”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº160, 21 Outubro 1964, p.1.

<sup>36</sup> Para biografia de Manuela de Azevedo, cf. *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol.IV*, Lisboa, 1997, in: <http://www.iplb.pt/pls/dipltb> [endereço da *Direcção Geral dos Livros e das Bibliotecas*] [consulta: Novembro 2007].

<sup>37</sup> Cf. Sellés Pæes, *Da Arte Moderna em Portugal. Elementos para a sua história* Lisboa: Edições Panorama, 1962.

<sup>38</sup> Cf. Rui Mário Gonçalves, entrevista in «Rui Mário Gonçalves, “Falta-nos a presença de artistas qualificados – sejam portugueses ou estrangeiros”», in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº156, 23 Setembro 1964, pp.16, 12.

# Exposição Artistas Portuguesas e o Papel da Mulher na Arte da Pós-Revolução

Por **Claudia Simenta Rodrigues**

*Artista plástica e membro do Atelier 39|93,  
Coordenadora da Área de Galerias da Divisão de  
Cultura da Câmara Municipal de Loures, Mestranda em  
Crítica, Curadoria e Teorias da Arte pela FBAUL*

*In the beginning of 1977, after the portuguese revolution of April 1974, the National Society of Fine Arts had an opened event that brought together three exhibitions and the presentation of several other cultural manifestations.*

*The event exclusively dedicated to women's art and to the discussion of what meant to be a woman in Portugal in that period was, in fact, an historical testimony of the changes that were being made and for which women played a fundamental role in all levels.*

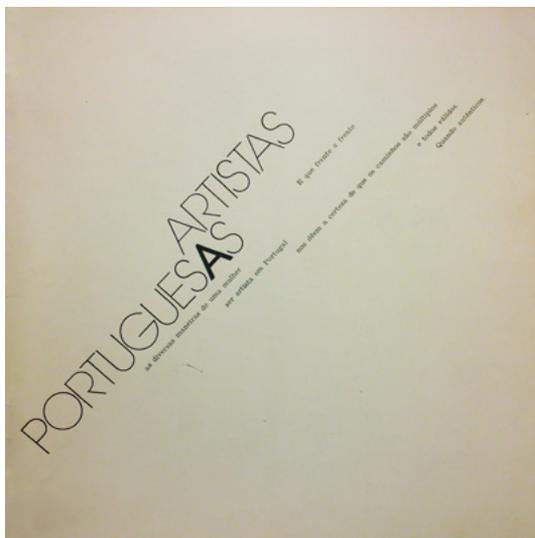
*The various documents consulted and the contacts made with some of the artists who participated both in the exhibition and in its organization, reveal a cultural event which, for its historical-temporal framework, assumed a huge importance for its time, being something yet today with no parallel.*

---

«As mulheres são assim. Mais desembaraçadas do que os homens, quando despem o casaco.

Foi assim, agora também que as mulheres resolveram comparecer em força e desembaraço na exposição que as Belas-Artes inauguraram. Se se excluir a cave, dir-se-á que todos os andares e seus espaços foram ocupados: pintura do Século XIX, saída dos arcazes do Museu de Arte Contemporânea, livros de autoras portuguesas e outros acerca delas, as que foram «sexo fraco». Ora, parando aqui nestas zonas, dir-se-á que, precisamente, é nessas do sexo que as mulheres arregaçam as mangas, deixando muito envergoadas as pintoras americanas, inocentes entretidas com histórias de ratinhos ou pintura cerebral...»<sup>1</sup>

No início de 1977, no rescaldo de uma revolução que prometia devolver ao povo português as suas liberdades, entre as quais uma das de maior valor – a liberdade de expres-



Capa do catálogo | Janeiro - Fevereiro de 1977  
Exposição realizada pela Sociedade Nacional de Belas Artes com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Museu Nacional de Arte Contemporânea.

ção - teve lugar, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma exposição que reconhecia e apresentava publicamente o valor da mulher enquanto recurso ativo e participante na construção do mundo artístico português.

A exposição, realizada no âmbito de uma outra proveniente dos Estados Unidos da América e que cumpria um programa de itinerância por Portugal - *Liberation, 14 Artistas Americanas* - reunia obras de algumas criadoras do mundo artístico português que, sujeito por tanto tempo a constantes avanços e recuos, dava agora sinais evidentes de desentorpecimento, apresentando uma nova dinâmica e vitalidade.

A juntar a estas duas exposições teve lugar uma outra, singela homenagem a artistas portuguesas já desaparecidas, realizada com o apoio e colaboração do Museu Nacional de Arte Contemporânea, que para ela cedeu obras do seu acervo.

Contudo, o evento realizado na Sociedade Nacional de Belas Artes não se resumiu à apresentação destas três exposições. Tratou-se de um acontecimento muito mais complexo, composto por um conjunto de manifestações culturais exclusivamente dedicadas à criatividade no feminino e ao ser-se mulher e artista em Portugal, no final da década de 70, no período da pós-revolução. Paralelamente à programação de exposições foi elaborado um programa de diferentes atividades culturais, onde se incluíam a música, o teatro, a poesia e o debater do papel da mulher na arte e na sociedade contemporânea da época.

Pelo seu enquadramento histórico-temporal, esta exposição assumiu grande importância, revelando-se num acontecimento cultural sem paralelo ainda hoje nos nossos dias. Achou-se, portanto, oportuno analisar mais profundamente, na concretização deste ensaio, o referido evento enquanto acontecimento histórico e cultural, abordando de forma pormenorizada as iniciativas que dele fizeram parte, assim como o seu impacto na arte e na sociedade da época e as suas repercussões na arte dos nossos dias.

### **PORTUGAL NOS ANOS 70 - A arte, a liberdade e as mulheres**

Os anos 70 são caracterizados, por João Pinaranda, como «uma década contraditória e complexa»<sup>2</sup>; uma década de consagração de alguns dos artistas revelados nos anos 60, de grande dinamismo no designado “mercado da arte”, mas também de grande crise no setor. O início da década de 70 caracteriza-se fundamentalmente por um desinteresse institucional generalizado pela arte que se traduz numa total ausência de políticas culturais (sendo apenas de notar alguns acontecimentos pontuais promovidos pelo governo), na inexistência de museus de arte moderna, no fechamento do País ao exterior que se reflete num desconhecimento do que se faz lá fora em termos artísticos (nomeadamente EUA e países do Leste) e pela sobreposição das entidades privadas às competências e responsabilidades do Estado com o aparecimento de alguns (esporádicos) apoios empresariais a ações culturais por parte de entidades comerciais e bancárias. É também nesta altura que se regista o surgimento de um pequeno mercado (que se irá retrair a partir de 1973),

que se dá uma considerável proliferação dos salões coletivos e se desenvolvem novas formas radicais de criação artística, em tudo distintas dos tradicionais conceitos de pintura e escultura.

Os anos 70 vêm, assim, dar um novo impulso ao já iniciado nos anos 60, no campo do experimentalismo português, dentro das designadas novas disciplinas artísticas (*performance*, instalação, *happenings*, rituais, intervenções, etc.) que se prolongam até meados da década de 80 e dão origem a novas formas de produção e expressão. No seguimento de um período definido por António Rodrigues como «de rutura em relação à arte portuguesa das décadas anteriores»<sup>3</sup>, nos anos 70 procuram-se registos que fujam aos suportes tradicionais e o estreitar da relação entre a arte e a vida, de que Lourdes Castro é exemplo com os seus lençóis de «sombras deitadas» (1969) e Ana Vieira, com as suas instalações em torno dos ambientes domésticos, como é o caso da sua casa translúcida mas impenetrável (Galeria Ogiva, 1972). É também neste contexto que surge a poesia visual ou experimental, que explora precisamente os limites entre escrita e artes plásticas e que tem em Ana Hatherly uma das suas grandes representantes.

Um dos acontecimentos mais marcantes desta década e que, sem dúvida, provocou o corte radical em termos artísticos, foi a revolução militar de abril de 1974. As rupturas provocadas por este acontecimento político vieram alterar o modo de encarar, perceber e perspetivar a arte. A Revolução de Abril e o fim da ditadura clarificaram alguns aspetos da realidade do País, nomea-

damente, a existência de um mercado de arte pouco sustentado, com constantes situações de crescimento e retração, que no entender de Gonçalo Pena revelaria, assim, a sua «fragilidade [...] após a revolução de 74, verificando-se então uma brusca quebra de confiança provocada pela imediata crise económica, provocando a falência de muitas das galerias dos finais de 60»<sup>4</sup>. Por outro lado, estes acontecimentos contribuíram também para uma efetiva libertação em termos artísticos, ao tornarem possível uma maior abertura ao exterior, que teve como consequência a descoberta (apesar de tardia) da arte conceptual.

Outro aspeto que durante este período se começa a destacar é o papel das mulheres na sociedade e, em particular, na produção artística. Durante um longo período, a arte feita por mulheres ao contrário de inexistente, foi uma “arte sem história”<sup>5</sup>, considerada pelos historiadores de arte tanto no contexto português como internacional. Em Portugal, são escassos os casos de mulheres-artistas consagradas no decurso de séculos e séculos de história de arte. Poucos são os nomes que conseguimos referir; vem-nos à memória Josefa de Óbidos (durante o período Barroco), Maria Helena Vieira da Silva (após a II Guerra Mundial), Paula Rego e Lourdes Castro (a partir de 60/70) e, mais recentemente, Joana Vasconcelos. É de notar, contudo, que apesar de escassos, todos estas artistas são personagens incontornáveis no estudo da história de arte portuguesa, assumindo-se como figuras de destaque tanto a nível nacional como internacional.

É nos anos 70 que o pensamento feminista começa a ganhar um posicionamento mais central, sobretudo nos contextos norte-americano e britânico, em parte devido às profundas transformações político-sociais que se fazem sentir e que, segundo Filipa Lowndes Vicente provocam «o desenvolvimento de uma perspetiva feminista no interior das ciências sociais e humanas».<sup>6</sup> Em Portugal, no entanto, estas questões sentem-se de forma mais ténue. A situação política vivida, a mudança de regime, a tomada de consciência por parte da sociedade civil, a construção de uma democracia consolidada assente nas liberdades e direitos dos cidadãos e a própria redefinição do ensino, poderão ter sido as causas mais diretas para a escassez de atenção dedicada ao estudo e teorização das questões do feminismo no meio académico.

Contudo, fora do contexto académico as mudanças vão-se fazendo sentir. Ernesto de Sousa, por exemplo, surge como figura central na compreensão daquilo que foi a década de 70. Artista, cineasta, crítico de arte, organizador de exposições, foi o responsável pelo aparecimento de uma geração de artistas com uma produção artística diferenciada e inovadora, a que a Alternativa Zero (1977) deu visibilidade e projeção e na qual Clara Menéres participou com a sua *Mulher-Terra-Vida* (um torso feminino, inteiramente moldado com relva plantada, criado especificamente para a mostra).

A agitação política, social e cultural sentida no pós-25 de Abril ultrapassou todas as previsões, havendo uma grande adesão por parte dos criadores artísticos (operado-

res artísticos, conforme Ernesto de Sousa), que se organizaram na apresentação de propostas e reformas. Entre 1974 e 1977 foi possível a integração de representantes de artistas e críticos de arte, nas comissões consultivas da Secretaria de Estado da Cultura, com o intuito de contribuir, de forma ativa, na definição de uma política cultural para o País.

A situação começa, contudo, a mudar a partir de 1977, sendo perceptível uma diminuição na liberdade de ação por parte dos intelectuais. Rui Mário Gonçalves refere-se a este período como «uma temporada em que a palavra «silenciamento» parece ser a mais recorável para descrever o que rodeou oficialmente a vontade de expressão.»<sup>7</sup> É nesta altura que se mandam apagar paredes e desfazer comissões consultivas, entre outras ações representativas desta desvitalização. É notório o real desinteresse governamental pela cultura. A liberdade de expressão e o espírito crítico são os motores fundamentais para a manutenção de uma cultura viva, contudo podem gerar incómodo aos decisores políticos. Assim, a ausência de uma política cultural competente manteve-se ao longo dos anos, dando origem a ações contraditórias por parte dos sucessivos governos, incapazes de definir programas coerentes para a cultura. As grandes iniciativas que foram ocorrendo durante este conturbado período, foram organizadas por instituições culturais com um grande *know-how* cultural, como era o caso da Sociedade Nacional de Belas Artes e da Association Internationale des Critiques d'Art, entre outras; instituições democraticamente organizadas, polos de resistência

cultural antifascista, e representantes reais dos interesses de artistas e críticos de arte.

É assim, neste contexto, e um pouco em reação à situação que se fazia sentir, que na segunda metade da década de 70 se generalizam as ações de carácter coletivo, que resultam num conjunto muito significativo de exposições<sup>8</sup>, *happenings* e pinturas murais de carácter interventivo, de que é exemplo o painel realizado a 10 de Junho de 1974, pelo Movimento Democrático de Artistas Plásticos, e que contou com a participação de diversas mulheres artistas, entre as quais Teresa Dias Coelho, Teresa Magalhães, Fátima Vaz, Ana Vieira, Helena Almeida, Alice Jorge, Emília Nadal, Menez e Maria Velez.

Os anos 70 apresentam-se, assim, como um período conturbado, mas libertador, criativo e aberto a novas possibilidades, construído com o apoio de uma sociedade artística ativa (e reativa perante a inércia e impreparação institucional) na qual as mulheres tiveram um papel fundamental.

### **ARTISTAS PORTUGUESAS - o início da revolução cultural no rescaldo da Revolução de Abril**

#### ***Liberation - 14 Artistas Americanas.***

Em Dezembro de 1976, no Centro de Arte Contemporânea do Museu Nacional de Soares dos Reis, teve lugar uma exposição, proveniente dos Estados Unidos da América, denominada *Liberation - 14 Artistas Americanas*. Esta exposição, no seguimento do programa de itinerância que cumpria, pela Europa, veio a Lisboa por intermédio do Serviço de Imprensa e Cultura da



Desdobrável da exposição | 25 de Janeiro de 1977. Exposição realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes, promovida pelo Serviço de Imprensa e Cultura da Embaixada dos Estados Unidos da América.

Embaixada dos Estados Unidos da América, que propôs à Sociedade Nacional de Belas-Artes a apresentação da mesma nos seus salões, no âmbito do Ano Internacional da Mulher. Constituída por 27 obras de pintura e escultura de 14 artistas americanas e patente, na Sociedade Nacional de Belas Artes, entre 25 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 1977, esta exposição apresentava ao público português a pluralidade de estilos e expressões muito característicos da Arte Americana dos anos 70, sendo a primeira oportunidade para o público europeu ter contacto com o «específico vetor evolutivo»<sup>9</sup> da produção artística norte-americana, conforme refere Jane Livingston no desdobrável da exposição. Também Beth Coffelt considerou ser esta uma exposição altamente representativa da produção artística da América de então, defendendo na conferência realizada a 26 de Janeiro, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a importância crescente da mulher no meio artístico (só possível através de uma luta intensa que foi forçada a travar contra a irrelevância a que foi votada ao longo de séculos e séculos de história de arte) e classificando a arte masculina como «menos interessante»<sup>10</sup> do que a das mulheres.

Nesta exposição foi possível observar as obras de Jennifer Bartlett, Lynda Benglis, Lee Bontecou, Elena Borstein, Manon Cleary, Mary Corse, Rebecca Davenport, Claudia Demonte, Janet Fish, Nancy Graves, Harriet Korman, Ann McCoy, Susan Weil e Jacqueline Winsor.

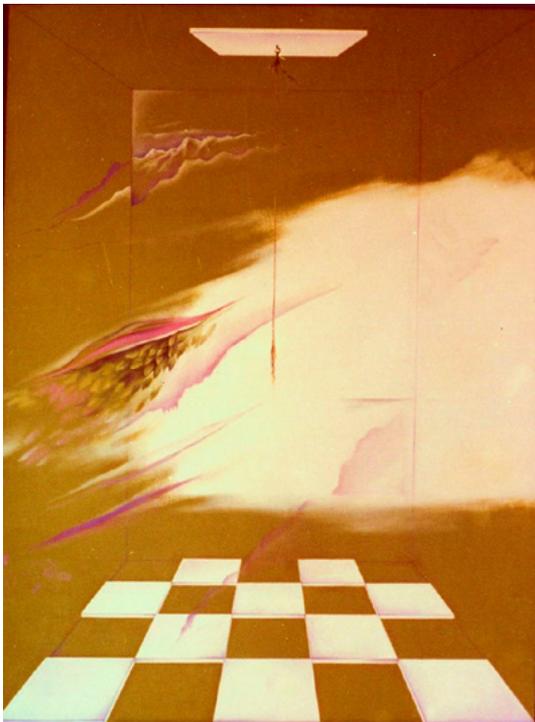
### **Artistas Portuguesas.**

Paralelamente à inauguração da exposição *Liberation - 14 Artistas Americanas* teve lugar, entre 25 de janeiro e 20 de fevereiro de 1977, a exposição *Artistas Portuguesas* que Manuela de Azevedo descreve, no seu artigo publicado no Diário de Notícias de 27 de janeiro de 1977, como um evento em «que as mulheres resolveram comparecer em força e desembaraço [...] as que foram «sexo fraco» [...] arregaçam as mangas, deixando muito envergonhadas as pintoras americanas, inocentes entretidas com histórias de ratinhos ou pintura cerebral...»<sup>11</sup>.

Realizada no âmbito das comemorações do 75º aniversário da Sociedade Nacional de Belas Artes, e tendo o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, da Fundação Gulbenkian e do Museu Nacional de Arte Contemporânea, a exposição contou com a participação de Alice Gentil Martins, Alice Jorge, Amália Andrade, Ana Hatherly, Ana Vieira, Assunção Venâncio, Clara Estrela, Clara Menéres, Dorita Castel-Branco, Emília Nadal, Estreia, Fernanda Nobre, Graça Moraes, Gracinda Candeias, Inês Guerreiro, Isabel Laginhas, Ivone Balette, Kukas, Lourdes Leite, Manuela Correia de Sousa, Maria Ângela de Brito Pereira, Maria Antónia Azevedo, Maria Antónia Correia Martins Gomes, Maria Benamor, Maria do Carmo Galvão Teles, Maria Flávia de Monsaraz, Maria Gabriel, Maria Keil, Maria Rolão, Maria Velez, Marília Viegas, Matilde Marçal, Menez, Paula Rego, Pissarro, Rosa Fazenda, Salette Tavares, Sarah Afonso, Teresa Ferrand, Teresa Magalhães e do Grupo Puzzle.

A Comissão Organizadora desta exposição, constituída por Emília Nadal, Sílvia Chicó e Clara Menéres, representantes do núcleo feminino da direção da Sociedade Nacional de Belas Artes à época, referir-se-ia à mesma como uma mostra da «pluralidade de tendências existentes na arte portuguesa [...] na qual colaboraram nomes bem conhecidos do nosso meio artístico».<sup>12</sup> Esta exposição, ainda no entender da sua Comissão Organizadora, seria a primeira exposição de artistas portuguesas a focar a forte presença feminina numa área onde aparentemente teria uma presença pouca expressiva, sendo apenas possível nomear raras e cirúrgicas exceções do passado e do presente.

Emília Nadal sempre recusou a existência de quaisquer discriminações no seio do meio artístico tendo expressado isso mesmo em entrevista ao Diário de Notícias, a 2 de fevereiro de 1977, referindo que a situação existente não justificava a necessidade de uma tomada de posição nesse campo. Apesar disso, houve sempre uma tendência natural de conotar a exposição com questões ligadas a reivindicações de carácter feminista. Este facto levou a que, no início do processo de organização da mesma, tivessem surgido determinadas polémicas com algumas das artistas, que se recusavam a participar na exposição se ela assumisse tais objetivos, uma vez que não se sentiam atingidas por esse tipo de questões no seio do meio artístico. O objetivo da exposição passava, assim, por promover «um interessante estudo sobre as constantes específicas da expressão artística da mulher e que, podendo tornar-se um tema polémico, não só pela exposição em si mas pelas manifestações culturais que



Emília Nadal | Decomposição V - A viagem  
123 x 90 cm | 1975  
Fotografia cedida pela artista

a acompanham e pelos ecos que poderia levantar, ser uma excelente ocasião para equacionar problemas e definir posições. Enfim, chamar a atenção do grande público para a real importância da mulher na vida cultural portuguesa [e transmitir uma] «mensagem de intervenção crítica e de vitalidade criadora.»<sup>13</sup>

Sendo incontestável a sua ligação às questões do feminino, esta não pretendia, portanto, ser uma exposição feminista. E essa era também a opinião de Salette Tavares que, no prefácio do catálogo da exposição, defendia a vontade de libertação «do complicado enredo da reivindicação», *não obstante* a justiça e as inegáveis conquistas obtidas por intermédio das ações e lutas feministas. Dizia Salette Tavares que esta exposição pretendia antes de mais ser «uma boa oportunidade para uma confrontação entre mulheres. [...] a grande afirmação da criatividade [...] frente a frente as diversas maneiras de uma mulher ser artista em Portugal [...] a certeza de que os caminhos são múltiplos e todos válidos. Quando autênticos.»<sup>14</sup>

A seleção das obras para a exposição *Artistas Portuguesas* foi realizada por concurso, tendo sido escolhidas 73 de 171 obras apresentadas<sup>15</sup>. No catálogo da exposição Sílvia Chicó indica a constituição do Júri, referindo fazerem parte do mesmo «dois membros da Sociedade Nacional de Belas-Artes - Clara Menéres e Emília Nadal - [...] um membro da Secção Portuguesa da Association Internacionale des Critiques d' Art - Salette Tavares - e dois representantes dos artistas - Rocha de Sousa e Sílvia Chicó.»<sup>16</sup>

A maioria das obras foram realizadas especificamente para a exposição, resultando num conjunto muito expressivo da «multiplicidade de tendências e técnicas de expressão características da arte contemporânea» que reunia obras desde a «pintura à criação de ambientes, da colagem à escultura»<sup>17</sup>, tapeçaria, joias, entre outras formas de produção artística. Para José Luís Porfírio, contudo, a exposição apresentava uma seleção pouco rigorosa, assente em critérios debilmente estruturados, apresentando tanto nomes com algum reconhecimento no meio artístico da época, como nomes menos conhecidos, selecionados por intermédio de um concurso aberto a todas as mulheres-artistas. Descreve-nos uma exposição organizada ao jeito de «um inventário da situação existente ao nível das atitudes dos objectos contrapondo-se à selecção mais actualizada do lado americano.»<sup>18</sup>

Posteriormente à apresentação da exposição em Portugal, houve a possibilidade das artistas participantes apresentarem o seu trabalho no exterior, tendo sido organizada uma itinerância da exposição a Paris, onde esteve patente no Centre Culturel Portugais da Fundação Calouste Gulbenkian.

### ***Artistas Portuguesas já desaparecidas.***

A terceira exposição organizada no âmbito deste evento cultural teve, de acordo com Maria de Lourdes Bártholo, o objetivo de ser uma «singela homenagem»<sup>19</sup> a artistas já desaparecidas, da segunda metade do século XIX e inícios do século XX, que conseguiram fazer prevalecer a sua obra no seio de uma sociedade para qual a arte era uma



Teresa Magalhães | Sem Título  
1976 | Acrílico sobre tela | 140 x 200 cm  
Fotografia cedida pela artista



Rosa Fazenda | Freira, 1975



Vernissage da exposição ARTISTES PORTUGAISES  
Paris, 28 de Março de 1977  
Arquivos Gulbenkian (PRS 04805)

área unicamente reservada ao sexo masculino, assumindo por isso a designação de “pioneiras”.

A exposição esteve patente de 25 de janeiro a 20 de fevereiro de 1977, na Sociedade Nacional de Belas Artes e o conjunto de artistas que integravam esta exposição era constituído por Maria Augusta Bordalo Pinhoiro, Aurélia de Souza, Sofia de Souza, Emília Santos Braga, Milly Possoz, Eduarda Lapa, Estrela de Faria e Teresa Sousa.

A organização da exposição contou com o forte contributo do Museu Nacional de Arte Contemporânea, que muito gentilmente cedeu todas as obras que integraram a exposição e para a qual foi realizado um catálogo prefaciado pela diretora do museu na altura, Maria de Lourdes Bártholo.

### **Atividades programadas no âmbito das três exposições.**

Paralelamente às exposições tiveram lugar outras manifestações culturais de diferentes tipologias, as quais, segundo Sílvia Chικό<sup>20</sup>, pretendiam fazer o balanço da produção artística feminina até aí e da que se fazia em 1977, mostrando o que tinha sido a intervenção da mulher, no campo das artes e ao longo dos tempos, em Portugal. Tinham o objetivo de discutir o papel cultural da mulher na sociedade portuguesa da época e geraram muita polémica «apesar de não se pretenderem como uma iniciativa de carácter feminista. Não podiam deixar de o ser: o próprio facto de terem sido agrupadas obras apenas de mulheres constituiu motivo de surpresa e interrogação para um público não habituado a intervenções semelhantes.

Protestos houve também daqueles que [consideravam] que a mulher não [sofria] na vida artística qualquer discriminação». <sup>21</sup>

De 24 de janeiro a 18 de fevereiro de 1977, foi possível assistir a diversas manifestações artísticas entre as quais música, poesia, literatura e vídeo, distribuídas por uma programação diversificada que englobava conferências, colóquios, concertos, recitais, projeção de filmes e debates, e nas quais participaram nomes como Eunice Muñoz, Lurdes Norberto, Glicínia Quartin, Julieta Almeida Rodrigues, Maria Antónia Palla, Antónia de Sousa, entre outras.

A programação definida contemplava, então, as seguintes iniciativas:

**24 de Janeiro | 9.30 - Conferência de imprensa:** apresentação do evento e dos seus objetivos, pela Comissão Organizadora.

**25 de Fevereiro | 21.00 - Abertura do evento e inauguração das exposições**

**26 de Janeiro | 21.30 - Conferência «Mulheres artistas» | Beth Coffelt:** apresentação da exposição *Liberation - 14 artistas americanas* e debate sobre a arte americana dos anos 70 feita por mulheres.

**28 de Janeiro | 21.30 - Conferência «Mulher portuguesa, que mito que realidade?» | Julieta Almeida Rodrigues:** o papel da mulher na sociedade contemporânea.

**5 de Fevereiro | 18.30 - Colóquio «A mulher e o bailado» | Armando Jorge e Isabel Santa Rosa:** o papel da mulher como bailarina ao

longo dos tempos; aspetos do ser mulher e bailarina em Portugal.

**6 de Fevereiro | 18.30 - Concerto | Grupo de Música Contemporânea de Lisboa:** interpretação de composições de Clotilde Rosa, Constança Capdeville e Maria de Lourdes Martins (asseguradas pelo Grupo de Música Contemporânea de Lisboa), partindo de improvisos gráficos realizados por artistas plásticos e pelo público.

**7 de Fevereiro | 18.30 - Concerto de violoncelo e piano | Teresa Portugal Núncio e Jorge Moyano:** interpretação de peças de Bach, Franchoeur e Schumann.

**8 de Fevereiro | 18.30 - Recital de piano | Maria Teresa Paiva:** interpretações de obras de Carlos Seixas, Mozart, Schubert e Chopin, acompanhadas de notas explicativas sobre os compositores e a sua época, dadas pela solista Maria Teresa Paiva.

**9 de Fevereiro | 18.30 - Recital de poesia e literatura | Eunice Muñoz, Glicínia Quartin e Lurdes Norberto:** apresentação de obras poéticas de autoras portuguesas através dos tempos.

**10 de Fevereiro | 21.00 - Recital de Canto | Dulce Cabrita (voz) e Maestro Filipe de Sousa (piano):** interpretação de obras de Purcell, Pergolesi, Händel, Mozart, Alban Berg e Fernando Lopes Graça, e dos poetas Hebbel e Mombert.

**11 de Fevereiro | 18.30 - Projeção do filme experimental «Revolução» | Ana Hatherly e Alexandre Gonçalves**

**14, 16 e 18 de Fevereiro | 18.00 - Projeção dos filmes «Nascer, viver e morrer», «Uma Alzira como tantas outras», «Uma família alentejana», «As atadeiras de Peniche», «O caso Sogantal» e «Por uma coroa Sueca» da série «Nome de Mulher» | Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa**

**17 de Fevereiro | 21.30 - «A mulher e a criatividade» | Maria Antónia Fiadeiro, Maria Antónia Palla, Maria José Paixão, Salette Tavares e Teresa Ambrósio:** o papel da mulher na arte e quais as razões do seu discreto aparecimento no seio do meio artístico.

Devido à programação diversificada organizada em paralelo com as três exposições, o evento realizado na Sociedade Nacional de Belas Artes atingiu um nível de complexidade bastante maior, tornando-se num espaço de discussão e reflexão sobre a condição da mulher na sociedade portuguesa e sobre a sua produção e presença na vida artística em Portugal.

### **O IMPACTO DO EVENTO CULTURAL ORGANIZADO NA S.N.B.A. - Ecos e repercussões de 1977 aos dias de hoje**

Conforme referido pela crítica de arte americana, Beth Coffelt, na conferência *Mulheres Artistas*, realizada a 26 de janeiro na Sociedade Nacional de Belas Artes, a arte no feminino, enquanto movimento político e cultural, nasceu com Gloria Steinem no início da década de 70. No final da década, contudo, ela surge-nos «menos política, menos ruidosa, mas subtil, infinitamente mais fascinante [...] É a própria personalidade da arte das mulheres que começa a surgir: com a sua visão interior e as suas emoções mais tranquilas.»<sup>22</sup>

À semelhança do que acontecia nos Estados Unidos da América, o evento cultural realizado em 1977, na Sociedade Nacional de Belas Artes procurava dar a conhecer ao grande público a arte feita por mulheres e afirmar (ou confirmar) a sua presença, desde sempre, no espaço artístico português; mostrar que o silêncio a que foram votadas se deveu, um pouco no seguimento do referido por Coffelt, ao facto de não terem «acesso a uma educação que as preparasse para isso.»<sup>23</sup>

A exposição de 1977 revelava assim uma «multiplicidade de tendências e técnicas de expressão características da arte contemporânea»<sup>24</sup> fazendo deste evento uma ótima oportunidade de confronto dos contrastes existentes entre as diferentes formas de expressão artística no feminino (contrapondo a produção nacional com a produção proveniente dos Estados Unidos da América) e de debate de diversas questões ligadas ao ser-se mulher e artista, na década de 70, em Portugal. Da mesma forma, e segundo José Luís Porfírio, foi ainda uma das mais interessantes tentativas de contrariar a tendência instalada de realização de «exposições individuais, bem como a organização de salões colectivos que [resultavam] invariavelmente numa confusão de critérios e de propostas estéticas que mutuamente se [anulavam].»<sup>25</sup>

Como já foi referido, apesar de, de acordo com o defendido pela Comissão Organizadora<sup>26</sup>, este evento não ter a intenção de ser uma ação com carácter feminista, dado as artistas participantes não sentirem a sua condição feminina como motivo de discriminação,

minação face aos seus pares masculinos, sentindo-se acarinhadas e recebidas, pelo público e pela crítica, com a mesma abertura que os demais artistas, a verdade é que nos anos 70 (e à semelhança do que ainda hoje se verifica) as mulheres permaneciam uma minoria no seio do grupo dos artistas mais cotados<sup>27</sup>.

Para Maria Antónia Palla esta negação do feminismo por parte das mulheres, justificava-se pelo medo de perder o poder e/ou privilégios que julgavam ter conquistado, adotando um posicionamento qual «escravo que [adota] a ideologia do senhor».<sup>28</sup> Partindo deste pressuposto Palla lança a questão já anteriormente aflorada por Coffelt: «[...] porque razão, na história de arte portuguesa, as pintoras são raras?»<sup>29</sup> Não tendo, por isso, a pretensão de ser uma ação feminista, o evento organizado veio possibilitar o refletir sobre problemas que as artistas portuguesas insistiam em não considerar, quer fosse por hábito ou inércia: o posicionamento da sociedade face a criatividade no feminino.

Seria a posição subalterna da mulher, na sociedade, limitação a uma expressividade criativa plena? Como justificar a proliferação de mulheres no campo da literatura extremamente contrastante com a sua exígua presença em áreas como a pintura ou a música? Maria Antónia Palla responde a estas questões referindo Virgínia Woolf em *Um quarto para si própria*, para quem a subtilidade, descrição e acessibilidade que o uso do papel e do lápis permitiam, era por si só justificativa de uma preferência feminina por este meio de expressão em detrimento de

qualquer outro, em especial a pintura, que requeria uma disponibilidade de espaço e tempo muitas vezes inacessíveis à mulher.<sup>30</sup>

Apesar de não vedada ao sexo feminino, a cultura permaneceu durante muito tempo sob a “jurisdição” masculina. Segundo Filipa Lowndes Vicente «ter nascido mulher foi sempre um entrave ao ser artista: da falta de acesso ao ensino artístico ou às possibilidades de viajar, das condicionantes sociais à profissionalização feminina, sem esquecer o peso das responsabilidades familiares.»<sup>31</sup> Dada a incontestável qualidade da produção artística feminina e na impossibilidade de controlar a presença das mulheres no meio artístico, houve sempre uma tentativa de a minimizar sob o pretexto das obrigações e responsabilidades para com o lar e a família, forçando à mulher apenas à única opção de se dedicar a uma tipologia de produção: a doméstica. Numa época de suposta liberdade (pós-25 de Abril) e de direitos igualitários para todos os cidadãos, o papel da mulher na sociedade continuava confinado às tarefas do lar, sendo-lhe quase sempre vedado o acesso a uma formação especializada e a um emprego condigno e remunerado.

Tendo a mulher como tema central, este foi, certamente, um evento de extrema relevância no abrir de portas e no mudar de mentalidades, que possibilitaram à mulher um papel um pouco mais ativo na sociedade de hoje e onde se falou, acima de tudo, de arte e de intervenção. Foi, assim, possível perceber que a arte produzida por mulheres começava a adquirir, ao contrário do que era defendido pela Comissão Or-



Ana Vieira - Santa Paz Doméstica, Domesticada?, 1977,  
Dimensões variáveis | Coleção da autora.  
Fonte: [www.anavieira.com](http://www.anavieira.com) | Copyright © 2014 Ana Vieira

ganizadora, uma especificidade, uma linguagem própria; que a mulher tinha agora consciência de si própria e das suas capacidades, manifestando-se estas nos mais diversos campos da criatividade, nomeadamente na pintura, literatura, cinema, música, teatro, entre outros.

Apesar de não ter sido a primeira vez que se realizou um evento deste tipo em Portugal<sup>32</sup>, pela sua especificidade, escala, importância e pelo questionamento e reflexão que levantou à sua volta, este assumiu-se, em termos históricos, como documento/testemunho das mudanças que já se vinham a sentir desde a década de 60 e, simultaneamente, como refere Maria Antónia Palla, como um «registo da presença das mulheres portuguesas neste país e neste mundo»<sup>33</sup>.

Sendo assim inegável a importância e relevância do evento, a percepção que fica, no entanto, é que o mesmo ficou aquém das expectativas no que diz respeito ao atingir o grande público. A sociedade da época, sendo uma sociedade que usufruía de uma liberdade recente, era ainda, no entender de Ana Vieira, retraída e impreparada, que se revia numa produção de cariz mais popular, tradicionalista, decorativa, do que numa produção inovadora, intelectualizada, contemporânea e feita exclusivamente por mulheres.<sup>34</sup> Também para Clara Menéres a arte era apenas objeto de apreciação de um grupo extremamente restrito e fechado, sendo que a generalidade das pessoas se identificava com uma tipologia de objetos de gosto mais popular.<sup>35</sup>

Apesar de ser esta a realidade da época, a arte que se pôde ali apreciar era representativa de um afirmar da mulher enquanto ser criador, de convicções fortes, linguagem própria e grande irreverência expressiva e estética, abordando muitas vezes temáticas ligadas ao corpo (em todas as suas vertentes, sem qualquer tipo de constrangimentos ou restrições) e questões relacionadas com a casa e a família, que se tornam muito evidentes nas obras de artistas como Ana Vieira, Rosa Fazenda ou Clara Menéres. Tomemos, por exemplo, o caso da instalação *Santa paz doméstica, domesticada?* de Ana Vieira que se trata de um claro protesto não só às funções habitualmente atribuídas às mulheres, como também à própria passividade das mulheres perante a vida que lhes era destinada.

O caminho iniciado pelas mulheres no decorrer dos anos 60 e 70 e que veio a repercutir-se no decorrer dos anos 80, invadindo toda a cena internacional com o reconhecimento dos críticos e do mercado artístico, com a contaminação das artes pela estética feminina e com igual abertura à arte produzida no feminino, sem diferenciação de género, veio igualmente a ter, no entender de Emília Nadal<sup>36</sup>, repercussões no território nacional apesar de forma extremamente lenta; tão lenta que, ainda hoje, podemos observar a existência de notórias discrepâncias entre o reconhecimento profissional a que são votados os artistas mediante o género, não obstante nos estabelecimentos de ensino superior artístico, o número de mulheres inscritas ser ainda consideravelmente superior<sup>37</sup>.



Ana Vieira - *Santa Paz Doméstica, Domesticada?*, 1977,  
Dimensões variáveis | Coleção da autora.  
Fonte: [www.anavieira.com](http://www.anavieira.com) | Copyright © 2014 Ana Vieira

Assim, podemos concluir que, independentemente da recetividade e entendimento das verdadeiras intenções, da presente exposição, pelo público, este foi um evento integrado num período que marcou o início de um difícil e lento processo de libertação de estereótipos e de reconhecimento da mulher enquanto força motora da sociedade e que antecipou uma temática que só viria ser abordada de forma mais sistemática (apesar de nem sempre de forma constante) décadas depois.<sup>38</sup> Tratou-se de um evento que acabou por se transformar numa oportunidade única de discussão da situação e do papel da mulher na sociedade de então, incentivando o diálogo e a reflexão entre homens e mulheres. Um processo lento que, ainda hoje, se encontra em movimento e evolução e que tem vindo a sofrer, ao longo dos tempos, alguns avanços e recuos.

---

#### - Referências

##### - Fortuna crítica

PORFÍRIO, José Luís - Carta de Lisboa. *Colóquio Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 31, fevereiro de 1977, p. 64-65 (Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/ COTA: PER)  
"A mulher como artista" na Sociedade de Belas-Artes. *Diário de Notícias*, 25 de janeiro de 1977, p. 4 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: F 5701)  
A mulher como artista. Série de

manifestações culturais promovida pela Sociedade Nacional de Belas-Artes. *Primeiro de Janeiro*, 25 de janeiro de 1977, p. 5 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: J 2044 G)  
AZEVEDO, Manuela de - Mulheres mostram aos homens quanto são "desembaraçadas". *Diário de Notícias*, 27 de janeiro de 1977, p. 4 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: F 5701)  
Duas exposições nas Belas-Artes. *Jornal de Notícias*, 27 de janeiro de 1977, p. 6 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: FP 179)  
14 artistas americanas nas Belas-Artes. *Primeiro de Janeiro*, 27 de janeiro de 1977, p. 3 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: J 2044 G)  
Belas-Artes promove manifestações culturais sobre o papel da mulher. *A Capital*, 28 de janeiro de 1977, p.21 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: J 2860 V)  
Na S.N.B.A. Mulher é tema de exposição e colóquios. *Diário de Lisboa*, 28 de janeiro de 1977, p. 12 (CasaComum.org/HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_22599](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_22599) (2014-12-30))  
Música feminina na SNBA. *Diário de Notícias*, 1 de fevereiro de 1977, p. 4 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: F 5701)  
Emília Nadal em diálogo e a Exposição dos Artistas Portugueses. *Diário de Notícias*, 2 de fevereiro de 1977, p. 13 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: F 5701)

Actividades culturais na SNBA. *Diário de Notícias*, 3 de fevereiro de 1977, p. 4 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: F 5701)

PALLA, Maria Antónia - Arte no "feminino". As mulheres criam uma arte própria?. *O Século Ilustrado*, 4 de fevereiro de 1977, p. 6-11 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: J 4190 M)

As mulheres e a criatividade. *Diário de Lisboa*, 16 de fevereiro de 1977, p. 5 (CasaComum.org/HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_3783](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_3783) (2014-12-30))

Mulher, ser criador. Contra o que dizem. *Diário de Lisboa*, 19 de fevereiro de 1977, p. 4 (CasaComum.org/HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_3788](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_3788) (2014-12-30))

#### - Bibliografia

**CARLOS, Isabel** [et. al.] - *Ana Vieira: Muros de Abrigo*. Açores: Museu Carlos Machado/Fundação Calouste Gulbenkian, Junho 2010.

**DIAS, Fernando Rosa** - *A construção da arte moderna portuguesa em voz feminina* [em linha]. Lisboa: Arte e género, 2012, p. 68-90. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8282>>

**GONÇALVES, Rui Mário** - *História da Arte em Portugal. De 1945 à actualidade*. Lisboa: Publicações Alfa. Vol. 13, 1986.

**GONÇALVES, Rui Mário** - *Pintura e Escultura em Portugal - 1940/1980* [em linha]. 3ª edição. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério

da Educação, 1991, p. 118-119 [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/arte/14-14/file.html>>

**GONÇALVES, Rui Mário** - *Vontade de Mudança. Cinco décadas de artes plásticas*. Lisboa: Caminho. Coleção Universitária, 2004, p. 126 (Biblioteca Nacional de Portugal/ COTA: B.A. 26085 V.)

**MACEDO, Ana Gabriela; SOUSA, Carlos Mendes de; MOURA, Vítor** - *Estética, Cultura Material e diálogos Intersemióticos* [em linha]. V. N. De Famalicão: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Edições Húmus, 2012, p. 35 [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23214/1/Estetica-CulturaMaterialDialogosIntersemioticos.pdf>>

**NADAL, Emília** - *De Paula Rego a Joana Vasconcelos. O Feminino Exasperado*. Colóquio Internacional "Olhares sobre a Mulher e o Feminino no Centenário de Simone de Beauvoir". Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas/Universidade Católica Portuguesa, Outubro de 2008.

**NADAL, Emília** - *De Paula Rego a Joana Vasconcelos. O Feminino Exasperado* (Resumo). Colóquio Internacional "Olhares sobre a Mulher e o Feminino no Centenário de Simone de Beauvoir". Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas/Universidade Católica Portuguesa, Outubro de 2008.

**OBRIST, Hans Ulrich** - *Entrevista a Ana Vieira* [em linha]. Lisboa,

2011 [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: [http://anavieira.com/documents/anavieira\\_entrevista\\_hans-ulrich-obrist\\_PT.pdf](http://anavieira.com/documents/anavieira_entrevista_hans-ulrich-obrist_PT.pdf)>

**OLIVEIRA, Leonor de** - *Museu de Arte Contemporânea de Serralves. Os Antecedentes, 1974-1989* [em linha]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, p. 244 [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: [http://issuu.com/ihafchshunl/docs/leonor\\_de\\_oliveira\\_1\\_](http://issuu.com/ihafchshunl/docs/leonor_de_oliveira_1_)>

**OLIVEIRA, Márcia Cristina Almeida** - *Arte e feminismo em Portugal no contexto pós-Revolução* [em linha]. Universidade do Minho, 2013 [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/1822/27607>>

**PEREIRA, Paulo**, dir. [et. al.] - *História da Arte Portuguesa. Do Barroco à Contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, Vol. III, 1995. ISBN 972-42-1225-4.

PORDATA - *Alunos Matriculados do Ensino Superior - Por área de educação e formação*. [em linha]. PORDATA [consult. 2014-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal/Alunos+Matriculados+do+Ensino+Superior-74>>

PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Artistas Portuguesas. Janeiro/Fevereiro 1977*. Tavares, Salette, introd. Lisboa: SNBA, 1977 (Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/ COTA: CE 422)

PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Artistas Portuguesas. Janeiro/Fevereiro 1977*. Bártholo, Maria de Lourdes,

introd.. Lisboa: SNBA, 1977  
(Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian/COTA: P 7156)  
PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.; PORTUGAL. Embaixada dos Estados Unidos, ed. lit.. - *Liberation - 14 artistas americanas*. Livingston, Jane, introd.. Lisboa: SNBA, 1977  
(Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian/COTA: AHP 8669)  
PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Artistas Portuguesas. Janeiro/Fevereiro 1977*. Chicó, Sílvia, introd.; Bártholo, Maria de Lourdes, apresent.; Bandeira, Françoise, trad.; Fior, Robim, trad.. Lisboa: SNBA, Julho de 1978  
(Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian/COTA: AHP 6561)  
**RODRIGUES, António** [et. al.] - *Anos 60, anos de ruptura: uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura, Livros Horizonte, 1994  
(Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/COTA: AG 5/128)  
**RODRIGUES, Claudia Simenta** - *Entrevista a Ana Vieira*. Lisboa, 2015  
**RODRIGUES, Claudia Simenta** - *Questionário | Exposição "Artistas Portuguesas" - Teresa Magalhães*. Lisboa, 2015  
**VICENTE, Filipa Lowndes** - *A arte sem história: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*. Lisboa: Babel, 2012.  
(Biblioteca da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa/COTA: ET 12/925)  
**VICENTE, Filipa Lowndes** - *História da Arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português*

[em linha]. Revista de História da Arte. Práticas da Teoria, n.º 10, p. 210-225 [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9637>>

#### - Vídeo

> HATHERLY, Ana (realiz.); GONÇALVES, Alexandre (sonoriz.) - *Revolução* [em linha]. [registo vídeo]. 1975. 16mm, cor (13 min.) [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=xnlmaNQfwqI>>

#### - Sítios oficiais

ANA VIEIRA - *Ana Vieira* [em linha]. Lisboa: Bem Bom, 2014. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.anavieira.com/>>  
ANNA MCCOY - *Ann McCoy* [em linha]. Nova Iorque, 2014. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://annmccoy.com/>>  
CLAUDIA DEMONTE - *Claudia Demonte* [em linha]. EUA, 2014. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.claudiademonte.com/>>  
ELENA BORSTEIN - *Elena Borstein* [em linha]. Nova Iorque: Roni Ben-Nun, 2014. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.elenaborstein.com/>>  
MARIA GABRIEL - *Maria Gabriel* [em linha]. Lisboa: Wordpress.com, 2014. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <https://mariagabriel.wordpress.com/>>

NANCY GRAVES - *Nancy Graves* [em linha]. Nova Iorque: Nancy Graves Foundation, 2015. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.nancygravesfoundation.org/>>  
REBECCA DAVENPORT - *Rebecca Davenport* [em linha]. Carolina do Sul: Mimi Davenport, 2003. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://rebeccadavenport.info/>>  
SUSAN WEIL - *Susan Weil* [em linha]. EUA: Naho Taruishi, 2015. [consult. 2014-15]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.susanweil.com/>>

#### - Notas

<sup>1</sup> AZEVEDO, Manuela de - *Mulheres mostram aos homens quanto são "desembaraçadas"*. *Diário de Notícias*, 27 de janeiro de 1977, p. 4

<sup>2</sup> PINHARANDA, João - *Anos 70: Um tempo de passagem*. In PEREIRA, Paulo, dir. [et. al.] - *História da Arte Portuguesa. Do Barroco à Contemporaneidade*. Lisboa: Círculo de Leitores, Vol. III, 1995, p. 611.

<sup>3</sup> RODRIGUES, António [et. al.] - *Anos 60, anos de ruptura: uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Lisboa 94 - Capital Europeia da Cultura, Livros Horizonte, 1994

<sup>4</sup> PENA, Gonçalo - *Instituições, galerias e mercado*. In RODRIGUES, António [et. al.] - *Anos 60, anos de ruptura: uma perspectiva da arte portuguesa nos anos sessenta*. Lisboa: Lisboa

94 - Capital Europeia da Cultura, Livros Horizonte, 1994

<sup>5</sup> VICENTE, Filipa Lowndes - *A Arte sem história. Mulheres e cultura artística (século XVI-XX)*. Lisboa: Babel, 2012.

<sup>6</sup> VICENTE, Filipa Lowndes - *História da Arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português*. Revista de História da Arte. Práticas da Teoria, nº 10, p. 211.

<sup>7</sup> GONÇALVES, Rui Mário - *Vontade de Mudança. Cinco décadas de artes plásticas*. Lisboa: Caminho - Coleção Universitária, 2004, p. 126

<sup>8</sup> Alternativa Zero, Erotismo na Arte Moderna Portuguesa, Mitologias Locais, Fotografia na Arte Moderna, O Papel como Suporte da Expressão são alguns exemplos dessas exposições.

<sup>9</sup> LIVINGSTON, Jane. In Portugal. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.; PORTUGAL. Embaixada dos Estados Unidos, ed. lit.. - *Liberation - 14 Artistas Americanas*. Livingston, Jane, introd.. Lisboa: S.N.B.A., 1977.

<sup>10</sup> COFFELT, Beth - Mulheres Artistas. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit. - *Artistas Portuguesas*. Janeiro/ Fevereiro 1977. Chicó, Sílvia, introd.; Bártholo, Maria de Lourdes, apresent.; Bandeira, Françoise, trad.; Fior, Robim, trad.. Lisboa: S.N.B.A., julho de 1978, p. 28-29.

<sup>11</sup> AZEVEDO, Manuela de - *Op. Cit.*, 27 jan. 1977, p. 4.

<sup>12</sup> NADAL, Emília; CHICÓ, Sílvia; MENERES, Clara - Conferência de imprensa. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p.28.

<sup>13</sup> Emília Nadal em diálogo e a Exposição dos Artistas Portugueses. *Diário de Notícias*, 2 de fevereiro de 1977, p. 13.

<sup>14</sup> TAVARES, Salette. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Artistas Portuguesas*. Janeiro/Fevereiro 1977. Tavares, Salette, introd. Lisboa: SNBA, 1977, p. 5-6.

<sup>15</sup> Teresa Magalhães refere ter sido uma das artistas participantes no inquérito realizado no decorrer da investigação para este ensaio (ver RODRIGUES, Claudia Simenta - *Questionário | Exposição "Artistas Portuguesas" - Teresa Magalhães*. Lisboa, 2015 )

<sup>16</sup> CHICÓ, Sílvia. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p. 1.

<sup>17</sup> "A mulher como artista" na Sociedade de Belas-Artes. *Diário de Notícias*, 25 de janeiro de 1977, p. 4.

<sup>18</sup> PORFÍRIO, José Luís - Carta de Lisboa. *Colóquio Artes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 31, fevereiro de 1977, p. 64-65.

<sup>19</sup> BÁRTHOLO, Maria de Lourdes. In Portugal. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit. - *Artistas Portuguesas*. Janeiro/Fevereiro 1977. Bártholo, Maria de Lourdes, introd.. Lisboa: S.N.B.A., 1977, p. 3.

<sup>20</sup> CHICÓ, Sílvia. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p. 1.

<sup>21</sup> CHICÓ, Sílvia. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p. 1.

<sup>22</sup> COFFELT, Beth - Mulheres Artistas. In PORTUGAL. Sociedade

Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p. 28-29.

<sup>23</sup> COFFELT, Belt - Mulheres Artistas. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p. 28-29.

<sup>24</sup> CHICÓ, Sílvia. In PORTUGAL. Sociedade Nacional de Belas Artes, ed. lit.. - *Op. Cit.*, julho de 1978, p. 1.

<sup>25</sup> PORFÍRIO, José Luís - *Op. Cit.*, fevereiro de 1977, p. 64-65.

<sup>26</sup> Refira-se, contudo, que no seio da própria Comissão Organizadora esta questão não era pacífica, havendo entre os seus membros algumas divergências de posicionamento no que concerne aos reais objetivos do evento.

<sup>27</sup> Os anos 70 foram uma época de grandes mudanças a diversos níveis, nomeadamente a nível intelectual e político o que, segundo Teresa Magalhães, veio a permitir alguma autonomia e liberdade de expressão às mulheres e «foi uma época em as mulheres apareceram bastante, estando presentes em inúmeras manifestações, mas a maior parte delas desistiu em prosseguir. Não havia nenhumas condições que facilitassem esse difícil e heroico percurso.» (in RODRIGUES, Claudia Simenta - *Questionário | Exposição "Artistas Portuguesas" - Teresa Magalhães*. Lisboa, 2015, p.2).

<sup>28</sup> PALLA, Maria Antónia - Arte no "feminino". As mulheres criam uma arte própria? *O Século Ilustrado*, 4 de fevereiro de 1977, p. 6-11.

<sup>29</sup> PALLA, Maria Antónia - *Op. Cit.*, 4 de fevereiro de 1977, p. 6-11.

<sup>30</sup> PALLA, Maria Antónia - *Op. Cit.*, 4 de fevereiro de 1977, p. 6-11.

<sup>31</sup> VICENTE, Filipa Lowndes – *A arte sem história: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*. Lisboa: Babel, 2012.

<sup>32</sup> Em 1947 teve também lugar na S.N.B.A. uma outra exposição, intitulada *Exposição das Mulheres Escritoras de todo o mundo* e organizada pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas que, segundo Manuela de Azevedo (in AZEVEDO, Manuela – *Op. Cit.*, 27 de janeiro de 1977, p. 4), teve à sua frente Maria Lamas, tendo decorrido ainda no tempo em que a liberdade de expressão era uma realidade longínqua. Esta exposição foi parcialmente reposta em Março de 1990, pelo MDM, com o apoio da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Ao longo dos anos têm sido realizadas outras exposições exclusivamente de mulheres e de arte no feminino, mas sem o número de manifestações culturais multidisciplinares que estiveram associadas ao evento e que contribuíram de forma determinante para o seu sucesso.

<sup>33</sup> PALLA, Maria Antónia – *Op. Cit.*, 4 de fevereiro de 1977, p. 6-11.

<sup>34</sup> RODRIGUES, Claudia Simenta – Entrevista a Ana Vieira. Lisboa, 2015, p.1.

<sup>35</sup> Opinião emitida em conversa informal realizada ao telefone a 6 de junho de 2015.

<sup>36</sup> NADAL, Emília – *De Paula Rego a Joana Vasconcelos. O Feminino Exasperado* (resumo). Colóquio Internacional “Olhares sobre a Mulher e o Feminino no Centenário de Simone Beauvoir”. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas/ Universidade Católica Portuguesa,

Outubro de 2008, p. 3.

<sup>37</sup> Em 2014, dos 35.492 alunos matriculados no ensino superior, nas áreas de Artes e Humanidades, 58% eram mulheres. In PORDATA – *Alunos Matriculados do Ensino Superior - Por área de educação e formação*.

<sup>38</sup> Filipa Lowndes Vicente refere no seu artigo *História da arte e feminismo: uma reflexão sobre o caso português* a existência, «nos últimos anos, [de] um claro despertar crítico da história da arte portuguesa em relação a estes temas, mesmo que, por vezes, ainda disperso e fragmentado em conferências e artigos escritos sob diferentes perspetivas, mas centrados sobretudo em estudos de caso». In VICENTE, Filipa Lowndes – *Op. Cit.*, p. 213.